

A MELANCOLIA DE UM OBJECTO: SOBRE VITRINAS MUITO ILUMINADAS DE VÍTOR OLIVEIRA JORGE (2005)*

Um livro de um arqueólogo que invoca para si um estatuto de *margem*¹. Um estatuto de *margem* que pode ser circunscrito pelo posicionamento metodológico, pela construção do objecto, pelos processos de escrita. Metodologicamente reivindica-se uma deriva fenomenológica, se for permitida a expressão, como alicerce criativo – melhor seria dizer inventivo – da arqueologia. No centro do fazer do arqueólogo está não uma sistematicidade plena, uma racionalidade matricial e *ad hoc* da qual a realidade é tão-só descrita e mensurada, ou, de outro modo, um proverbial logocentrismo que faz do vivenciado uma categoria residual, mas antes uma intencionalidade corpórea ou incorporada. Como escreve o arqueólogo, ao referir-se, em nota, ao enlace entre teoria e prática:

Esta união a prática e a teoria, entre a ideia e a acção, é afinal a que pomos permanentemente em execução numa escavação arqueológica, por exemplo. Não é só a “prática” que está sempre a mudar, para concretizar um “plano prévio”; é o “plano prévio” que se tem de ajustar constantemente às condições concretas de produção do conhecimento arqueológico, que são feitas através de um engajamento do indivíduo, todo, na operação (o seu corpo, os seus braços sopesando e deslocando volumes, etc.). Só sentindo a textura e resistência dos materiais, dos sedimentos, só confundindo-se com a terra pode uma pessoa pensá-la como arqueólogo. Por isso, quem não ganhe esse treino físico, de envolvimento do corpo próprio numa acção intencional e interrogante, o melhor é seguir outra profissão.²

Constrói-se, por seu turno, o objecto do arqueólogo tendo por referência uma espécie de desígnio experimental e inter-disciplinar. Reivindica-se, face a uma pretensa pureza e assepsia moderna, uma *hibridização produtiva* que tem por trunfo a constante recursividade entre a arqueologia e a antropologia. Como antropólogo não posso deixar de me regozijar pela forma como o trabalho de autores como Tim Ingold e Philippe Descola (só para citar dois autores amplamente destacados em *Vitrinas Muito Iluminadas*) alimentam o trabalho de investigação e o pensamento de Vítor Oliveira Jorge. Particularmente sugestivas são as in-

* Texto da apresentação do livro, realizada na FNAC (Santa Catarina, Porto) em 22-11-05.

¹ Vítor Oliveira Jorge, *Vitrinas Muito Iluminadas: interpelações de um arqueólogo à realidade que o rodeia*, Porto, Campo das Letras, 2005.

² *Idem*, p. 187, nota 2.

tuições e elaborações constantes em torno da permeabilidade conceptual de categorias como as de *natureza e cultura*. Sem que se desfaça a aporia (e o sortilégio da aporia), o arqueólogo mostra insistentemente o seu desgosto epistemológico com o legado das tradições disciplinares a partir do qual temos de trabalhar. Este desgosto faz reclamar, de maneira insistente, uma *identidade centáurica*, liminar, para o arqueólogo na sua experiência e aventura. Daí também as remissões para Ingold ou Descola, pensadores que se revelam insatisfeitos com os participantes culturais e civilizacionais da aporia natureza-cultura. Escreve, por exemplo, Vítor Oliveira Jorge, fazendo ecoar Ingold na sua declinação heideggeriana:

As pessoas instituem o ambiente; e o ambiente institui as pessoas, numa interacção constante, numa implicação contínua mútua, em que as dicotomias tradicionais passam ao lado, como empecilhos que nos impedem de ver com clareza o que efectivamente se passa.

A fronteira entre as pessoas e o meio não é estática, nem se situa num "ponto preciso"; é uma realidade flutuante, em deslocação contínua, em que a identidade dos indivíduos e a identidade do meio "jogam o mesmo jogo" e se constroem, desconstroem e voltam a construir a cada passo. As pessoas e o meio estão em constituição constante, à medida das capacidades das primeiras e das disponibilidades do segundo – sendo realidades, portanto, em retroacção permanente.³

Em relação aos processos de escrita, Vítor Oliveira Jorge parece avesso à suposta lisura das descrições neutras em ciência. Assume que há uma poética e uma retórica na escrita científica que não pode ser neutralizada. Dir-se-ia que o arqueólogo não somente nos diz da impossibilidade de suspendermos a interpretação na sua deriva semântica, conceptual e estilística, como a defende sem rodeios, tornando vazios os enunciados ou apelos à transparência linguagem/mente/real. A linguagem para Vítor Oliveira Jorge não é um "espelho da natureza", a parafrasear Richard Rorty, mas *um teatro onde se encena o drama do pensamento*. Como nos dirá no início do seu livro:

O meu estilo não é muitas vezes nem "académico", nem "cartesianamente" organizado. É voluntariamente neo-barroco, se se quiser. Não penso por linhas rectas, penso por curvaturas, por volutas, por espirais, por divagações, que são uma forma estratégica de abordar um tema, delimitando ao mesmo tempo o campo da inquietação em que ele se move, de onde emerge ou onde se submerge, e as linhas de fuga para onde ele gostaria de escapar. Para mim isto é um exercício de liberdade e de autenticidade – de verdade, se se quiser. Detesto e nego frontalmente a castração voluntária de um discurso científico linear, que destile formol.⁴

O estilo é assim o produto de um nomadismo de estratégias discursivas e de referências que digressivamente apontam para uma espécie de irredutível complexidade interpretativa que é reiteradamente convocada ao longo de *Vitrinas Muito Iluminadas*. Complexidade interpretativa e instabilidade semântica que revelam a impossibilidade da arqueologia se constituir como ciência explicativa do passado e suas produções materiais. Vítor Oliveira

³ *Idem*, p. 186.

⁴ *Idem*, p. 18.

Jorge será também porventura leitor atento de Clifford Geertz e das correntes interpretativas em antropologia. Tudo isto é acompanhado por uma consciência histórica de que a arqueologia é um aspecto da cultura ocidental moderna. Diz-nos o autor:

...a arqueologia nasceu da modernidade, mas, para se consumir, tem de compreender as desconstituições, e tem de exercer uma atitude de constante "suspeita" em relação ao que os "dados" parece "quererem dizer-nos". Nada "é dado", mas tudo é produto da nossa capacidade interpretativa, no próprio momento da experiência física e mental de constituirmos algo como "dado".⁵

Esta instabilidade semântica dos "objectos" da arqueologia e esta afirmação da contingência das produções de sentido no contexto disciplinar são, por seu turno, tomadas como elementos decisivos na recusa das manobras monumentalizadoras e museográficas a que são sujeitos os lugares da arqueologia, assimilados lamentavelmente (segundo o autor) a "não-lugares" e a "heterotopias" que pretendem "congelar" sentidos politicamente relevantes, sendo que a relevância política dos sentidos em que se marginam o conhecimento arqueológico e os seus *topoi* no espaço público se faz inscrever numa lógica muito alargada de fetichização ou coisificação mercantil e lúdica que, por rasura, elimina sentidos e promove versões empobrecedoras do passado e de restituição do passado pelo presente. O que me parece também delimitar um dos módulos de discurso mais destacados de *Vitrinas Muito Iluminadas*. O título, aliás, denuncia-o, ao convocar uma espécie de nostalgia pela *flutuação de versões de mundos* que os saberes-poderes na sua acepção moderna terão progressivamente eliminado. Uma nostalgia por um tempo em que a *experiência* não seria ainda comensurável com a *representação*. Como se, eliotianamente, pudéssemos dizer que no princípio da arqueologia (mas também da antropologia) estivesse já o seu fim. É esta espécie de melancolia que assalta o observador das "vitrinas muito iluminadas" da ciência. A fixação do sentido e a suposta cumulatividade do conhecimento atraíram o *mundo como experiência*, parece dizer-nos Vítor Oliveira Jorge. Daí a interrogação que assalta o leitor no poema que serve de pórtico ao livro:

*que luz tão intensa,
que cansaço enorme,
por que sabemos tanto?
por que carregamos
tanta memória...⁶*

O "património" – e as ilusões salvacionistas em que se abastece esta noção – é, assim, um dos efeitos da pretensa cumulatividade do conhecimento arqueológico. Vivemos num mundo onde o grotesco é uma das modalidades do mapeamento exaustivo do planeta por uma consciência patrimonializadora com fins escusos senão mesmo funestos. Diz-nos o autor:

⁵ *Idem*, p. 17.

⁶ *Idem*, p. 11.

*O Outro (ambiente ou “paisagem” natural ou humana) é reciclado como produto turístico: o diferente desemboca no típico – é na ideologia da tipificação que repousa o turismo, como “máquina de certificação” de “qualidades locais”; os sub-produtos do conforto e da industrialização precisam de reentrar na cadeia de produção, passando de lixo a novas formas de energia ou de matéria-prima, em circuito idealmente fechado; o passado é coisificado como vestígio de si mesmo – de arqueológico no sentido pejorativo (resto incompleto por natureza e indecifrável na sua mítica completude), passa, reciclado, a “recurso de desenvolvimento”.*⁷

Eu diria que *Vitrinas Muito Iluminadas* é também um livro sobre a *economia política do conhecimento arqueológico*. Um livro que porém – e como seria inevitável num texto de um arqueólogo – vacila entre uma reiteração da herança e uma demonização da mesma. Um livro que reclama a intensidade da experiência por oposição ao esgotamento da representação, sendo incontornável – e daí também a melancolia que o contamina – a fúria memorializadora que o cerca por todos os lados dado que se trata da escrita de um oficiante da arqueologia. Haverá aqui pois uma vontade projectiva cujos deslocamentos retrospectivos impedem.

Luís Quintais*
 Novembro de 2005



⁷ *Idem*, p. 25.

* Departamento de Antropologia da Faculdade da Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.